

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A "IDADE DO FERRO-B" E A CULTURA CASTREJA DO NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA. NOVAS LUZES ACERCA DE UM ANTIGO PROBLEMA.

SAVORY, H. N.

Ano: 1966 | Número: 76

Como citar este documento:

SAVORY, H. N., A "Idade do Ferro-B" e a cultura castreja do Noroeste da Península Ibérica. Novas luzes acerca de um antigo problema. *Revista de Guimarães*, 76 (1-2) Jan.-Jun. 1966, p. 117-146.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A «Idade do Ferro-B» e a Cultura castreja do Noroeste da Península Ibérica. Novas luzes acerca de um antigo problema (*)

Pelo Dr. H. N. SAVORY

Chefe da Secção de Arqueologia do National Museum of Wales (Cardiff).

Desde que o falecido Dr. E. T. Leeds aludiu, no seu trabalho sobre as escavações de Chun Castle (Cornwall) (1) aos achados de objectos metálicos e de cerâmica que pareciam indicar relações comerciais, e até migrações, durante a Primeira Idade do Ferro, entre as regiões do Noroeste da Península Ibérica e as do Sudoeste da Inglaterra, tal facto despertou naturalmente o interesse dos arqueólogos portugueses, espanhóis e ingleses. O Dr. C. A. R. Radford ocupou-se dessas analogias na sua colaboração no volume de *Homenagem a Martins Sarmento* (2), e mais recentemente a Dr.^a Ilid Antony, em estudos seus, parte dos quais ainda inéditos (3), descreveu as características dos castros do

(*) Este importante artigo do nosso colaborador, Sr. Professor H. N. Savory, foi obsequiosamente vertido do inglês pelo sócio da Soc. M. S., Sr. Eng.^o José de Matos Cardoso. (*Nota da Redacção*).

(1) *Archaeologia*, LXXVI (1926-7), 227-34.

(2) *Loc. cit.*, 328.

(3) S. S. Frere (Ed.), *Problems of the Iron Age in Southern Britain* (London Institute of Archaeology, 1960), p. 53 ss.

R. E. M. Wheeler e K. M. Richardson, *Hill-Forts of Northern France* (London Society of Antiquaries, 1957, p. 92 ss.

Noroeste da Península, que têm sua correspondência nos *hill-forts* e recintos fortificados idênticos de Gales e da parte ocidental da Inglaterra, citando a cerâmica com decoração estampada típica desses «castros», que parece ter também seus reflexos em certos grupos cerâmicos encontrados naquelas regiões inglesas.

Parece fora de dúvida, portanto, que existiram afinidades culturais, durante a segunda metade do primeiro milênio a. C., entre as regiões a que nos estamos referindo, caracterizadas por uma igual tendência para a construção de recintos fortificados, com extensas muralhas concêntricas bastante espaçadas, de harmonia com as exigências de uma economia pastoril, pelos desenhos comuns na decoração da cerâmica e pelo uso de fíbulas do tipo «ibérico», embora pouco vulgares no Sudoeste de Inglaterra. As referidas áreas são ambas nitidamente periféricas em relação aos principais centros da civilização primitiva da Europa, nos quais a língua e a cultura célticas foram, durante aquele período, introduzidas, por fases sucessivas e em grau variável, numa vasta população pré-céltica. É, contudo, importante salientar a este respeito que também nesse período existiram grandes diferenças entre essas duas áreas. O trabalho do metal, da cultura dos castros do Noroeste, parece denunciar, de um modo geral, por um lado, influências da cultura de Hallstatt, dos séculos VII-VI a. C., do centro da Europa, e por outro da cultura tartéssia do Sudoeste da Ibéria e da primitiva cultura ibérica da Espanha mediterrânea, mostrando ser relativamente pouco importante a influência dos elementos culturais derivados da cultura clássica dos começos de La Tène, da parte central do Ocidente da Europa. Os nossos conhecimentos deste intercâmbio foram ultimamente muito ampliados pelo Dr. W. Schüle, do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid (1), que demonstrou quanto se tem subestimado o papel desempenhado pelos agrupamentos do final da Idade do Bronze e da Primeira Idade do Ferro do Sul da Ibéria, se considerarmos a sua divulgação de tipos

(1) *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseum*, Mainz. VII (1960), pp. 59-125.

de fíbulas mais tarde adoptados pelos Celtas do final de Hallstatt, como também de jóias de ouro, algumas das quais eram exportadas para as zonas célticas das bacias superiores do Ródano, Reno e Danúbio. Pelo contrário, em parte alguma do território que mais tarde se transformou no mundo céltico aparecem tão poucos exemplares de objectos metálicos do último período de Hallstatt como nas Ilhas Britânicas, incluindo as regiões a que nos estamos especialmente referindo neste estudo, certamente porque, nos séculos VII e VI a. C., tais regiões estavam relativamente isoladas do que então constituía o mundo céltico, dada a separação que existia entre o pré-céltico ou proto-céltico oestrímnico, caracterizado pelo complexo das espadas «em língua de carpa», e os aborígenes, não célticos, das zonas costeiras do canal da Irlanda.

Parece, por consequência, que o principal influxo celta na área do Sudoeste da Inglaterra teve lugar numa data consideravelmente posterior à do caso da Galiza e Norte de Portugal, isto é, ocorreria naquela área inglesa já durante o período de La Tène; e, de facto, as espécies metálicas ali encontradas sugerem contactos directos com as culturas da Gália dos períodos primitivo e médio de La Tène, entre os séculos V e II a. C. O estudo destes contactos obteve ultimamente um considerável esclarecimento devido a um notável achado de objectos de metal, que teve lugar perto de Tal-y-llyn, Merionethshire, no Norte de Gales, que adiante descreveremos, tornando-se porém necessário abordarmos, em primeiro lugar, o problema da cerâmica decorada, que parece reforçar consideravelmente a hipótese de as fíbulas ibéricas do Sudoeste da Inglaterra, apesar de raras, constituírem um testemunho evidente dos contactos com a cultura dos «castros» do Noroeste hispânico. A cultura britânica da Idade do Ferro-B, que o Professor C. F. C. Hawkes foi o primeiro a concretizar, há trinta e cinco anos (1), e voltou posteriormente a ser definida sob novos aspectos (2), tem sido caracterizada especialmente

(1) T. D. Kendrick e C. F. C. Hawkes, *Archaeology in England and Wales*, 1914-31, 175-91.

(2) S. S. Frere, *loc. cit.*, pp. 11-14.

pelas suas estações arqueológicas, que tendem a revelar-se mais produtivas de cerâmica do que de objectos metálicos típicos. Os achados cerâmicos permitem estabelecer determinados grupos locais e cronológicos, e os exemplos que, na verdade, apresentam semelhanças com a cerâmica estampada dos «castros» incluem-se no que Hawkes designa actualmente por «Western» e «South-western Third B». Torna-se portanto presentemente necessária uma revisão do sistema de Hawkes, há pouco tempo redefinido, uma vez que as escavações no *hill-fort* de Croft Ambrey, próximo de Leominster, em Herefordshire, mostraram que aquilo a que Hawkes chamou «Western Second B» é ali mais tardio e não mais antigo do que o seu «Third B», e que os achados associados de fíbulas revelam que este grupo deve ter começado a desenvolver-se, pelo menos por volta do século III a. C. Devemos, porém, acentuar que as cerâmicas com ornamentação incisa e estampada, características dos *hill-forts* de Herefordshire e de lugares vizinhos de Worcestershire e Gloucestershire, com menor frequência em Shropshire (Baschurch) e no *hill-fort* de Pen Dinas, em Cardigan Bay (*Est. I*), não podem ser consideradas como consequência directa de uma imigração partindo do Continente. As suas formas e processo de fabrico sugerem, pelo contrário, uma sequência da evolução das tradições locais da Idade do Ferro-A, influenciada por contactos com as áreas do canal de Bristol e outras.

A cerâmica que, pelo fabrico e decoração, apresenta um aspecto acentuadamente exterior, e que mais se pode comparar à louça estampada castreja, está limitada à região ocidental da Cornualha (p. e. Chun Castle e Trevenague Fogou), ressaltando apenas um simples fragmento (*Fig. 6, n.º 5*) encontrado isoladamente nas dunas de Merthyr Mawr, perto de Porthcawl, na costa sul de Gales. Este fragmento cerâmico apresenta as características raias de caneluras, envolvendo séries de SSS estampados (*ducks*, estilização de palmípedes) e uma linha ondulada incisa, decorações estas que sem dúvida cobriam uma grande parte da superfície da vasilha, não se limitando a um estreito friso junto ao bordo superior, como normalmente se vê nos vasos de Herefordshire (*Est. I*). É uma cerâmica de fabrico fino e provavelmente feita ao torno de oleiro, embora a deterioração da face interior

do fragmento torne difícil confirmar essa técnica. É importante notar que a cerâmica da espécie do referido fragmento pode muito bem ter sido importada de qualquer ponto da costa atlântica do Continente, sendo porém extremamente rara, inclusivamente no Sudoeste da Inglaterra, e não se apresenta típica de qualquer grupo de cultura local.

Se considerarmos agora a cerâmica estampada dos «castros» do Noroeste da Ibéria, não resta dúvida de que se trata de uma tradição local fortemente enraizada, desde há muito ali estabelecida, e contemporânea do período de La Tène da principal área céltica da Europa Ocidental. Como vimos, os contactos não ibéricos, anteriores ao trabalho dos metais da cultura castreja do Noroeste, manifestam-se ligados, principalmente, à cultura de Hallstatt do Centro da Europa Ocidental; mas a análise da cerâmica dessa época mostra que as migrações e influências procedentes dessa origem, que influíram na Península Ibérica vieram de regiões diferentes e subsistiram durante um longo período, como claramente demonstrou Bosch-Gimpera, em vários dos seus estudos sobre o assunto (1). Há alguns anos, chamamos nós a atenção, nesta mesma *Revista de Guimarães*, para um elemento específico do final do Hallstatt francês, constituído por determinada cerâmica encontrada em vários lugares de Espanha e de Portugal, atribuída aos Celtas invasores (2), sabendo-se hoje que esse tipo de cerâmica procede de um centro de fabrico que se desenvolveu nas regiões oriental e sul da Gália, durante o século VI a. C., expandindo-se posteriormente pela Gasconha, Bretanha e Baixa Normandia; a cerâmica das necrópoles da Champagne, dos começos de La Tène, é, em parte, derivada daquela, sendo digno de nota que esta «Urnfield Renaissance», como Kimmig lhe chamou (3), é completamente diferente da cerâmica típica

(1) Vide especialmente P. Bosch-Gimpera, *Two Celtic Waves in Spain*, London 1939.

(2) H. N. Savory, «A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa», *Revista de Guimarães*, LXI (1951), pp. 349-51.

(3) W. Kimmig, «Bronzesitulen aus dem Rheinischen Gebirge -Hunsrück-Eifel-Westerwald», *Bericht Römisch-Germanien Kommission*, 1962-3, 62.

do final de Hallstatt do Sul da Alemanha, com seus ricos «motivos» estampados e, por vezes, pintados. Sòmente, num ou noutro lugar da França, podemos encontrar reminiscências dos estilos do Reno superior deste período, como, por exemplo, nas formas do grupo característico do final de Hallstatt do Norte da Suíça, transportadas para o Pays de Buch, do litoral da Gasconha. (1)

Contudo, é interessante verificar que a cerâmica lisa da «Urnfield Renaissance», ou as formas iniciais do Marne, representadas principalmente, na parte referente a Portugal, pelos exemplares de Tanchoal dos Patudos, Alpiarça (Ribatejo) (2), é aparentemente em pequena quantidade, quando de algum modo aparece na região do Noroeste da Península, à excepção de um tipo de vaso carenado, de fundo reentrante, muito característico, do Cerro de San Vicente, Salamanca (3). O uso deste tipo de vasos parece ter sido adoptado por vários centros cerâmicos, alguns dos quais, bem representados em Chamartín de la Sierra e em Las Cogotas (Cardeñosa, Ávila) (4), mostram acentuada inclinação pela chamada decoração «a pente» e estampada, por vezes associada a covinhas ou a botões incrustados, de cobre ou de barro, rodeados por um ponteador circular ou em linhas radiais. É fora de dúvida que esta cerâmica, cuja tradição vamos igualmente encontrar em grande parte da cerâmica castreja da Galiza e do Norte de Portugal, derivou principalmente da cerâmica do final de Hallstatt do Sul da Baviera, admiravelmente publicada por Kossack (5), a qual apresenta com frequência não só idênticas covinhas e botões circundados de raios, mas ainda sinais estampa-

(1) W. Kimmig, «Posthallstättische Urnengräber im Umkreis des Bassin d'Arcachon (Gironde)», in *A Pedro Bosch-Gimpera*, México, 1963, pp. 227-59, Est. 4 A, 5 B, 10 C.

(2) *Anuario de Prehistoria Madrileña*, IV-VI, pp. 125 ss., e *Revista de Guimarães*, LXI (1951), pp. 349-51, Figs. 7-8.

(3) *Zephyrus*, II (1951), pp. 61 ss.

(4) J. M. Santa-Olalla, *El Castro y la Necropolis del Hierro Celtaico de Chamartín de la Sierra (Avila)* (*Acta Arqueologica Hispanica*, V); J. Cabré Aguiló, *Memorias de la Junta Sup. de Excav.*, n.ºs 110 e 120.

(5) G. Kossack, *Südbayern während der Hallstattzeit (Röm.-Germ. Forschungen 24*, Berlim, 1959).

dos semelhante rodas, círculos preenchidos por um desenho em forma de encanastrado, anéis e decoração a ponteados, pendentes suspensos de círculos concêntricos com ponto central, linhas incisas «a pente» e losangos concêntricos estampados (1). Igualmente certas formas de vasos completos, procedentes de lugares da região de Ávila, podem ser derivadas da típica *Halsurn* da Baviera.

É certo que, naturalmente, nem todos os «motivos» estampados usados na cultura castreja do Noroeste parecem ter sido derivados, durante o séc. VI a. C., da Baviera do Sul. Outro elemento importante a considerar é o desenho constituído por caneluras, por vezes enriquecido com um friso de palmípedes estilizados. Não podemos garantir que tais decorações pertençam ao Hallstatt bávaro, mas devem fazer parte do repertório algo posterior da louça estampada da fase de La Tène (séculos V e IV a. C.) da Boémia-Morávia e Nordeste da Baviera (2), onde aparecem associadas aos desenhos de semicírculos pendentes (*swags*), anéis e ponteados, decorações estas derivadas da tradição do final de Hallstatt da Baviera, mas com novas formas cerâmicas (vasilhas com ornamentação «cordada», trabalhadas no torno de oleiro). Esta tradição oriental do período de La Tène foi estudada pelo Professor W. Dehn (3), que considera a Boémia, o Nordeste da Baviera e a província austríaca de Salzburgo como seus focos de origem, durante o séc. V a. C., e atribui à mesma procedência o grupo de cerâmica estampada do Reno Médio, a qual subsiste até um período tardio de La Tène. Apesar desta tendência para a decoração com palmípedes, caneluras, linhas feitas «a pente» e faixas de estrias, contudo, o primeiro grupo boémio de Dehn parece estar mais estreitamente ligado à decora-

(1) Este último «motivo», muito comum na Baviera (vide Kossack, *loc. cit.*, Est. 31, 6; 42, 28; 65, 19; 97, 24; 124, 3) aparece também entre os fragmentos de vasos do castro de Chamartín: J. M. Santa-Olalla, *loc. cit.*, Est. XIX, 3).

(2) J. Filip, *Keltové ve Střední Evropě*, 177-90, Figs. 53-9, Est. XV e LXXII.

(3) W. Dehn, «Zur Verbreitung und Herkunft der Latènezeitlichen Braubacher Schalen», *Bonner Jahrbücher*, 151 (1951), 83-95.

ção estampada do período de La Tène do Noroeste da Ibéria, Bretanha e área do canal de Bristol, do que o grupo do Reno Médio, isto naturalmente porque tal decoração também se manteve mais ligada, cultural e cronologicamente, ao grupo do Hallstatt final da Alta Baviera, que vimos ter dado uma importante contribuição para a tradição cerâmica da Cultura dos «castros» do Noroeste. Parece, portanto, que devemos considerar a possibilidade do movimento de um povo (ou uma sucessão de movimentos), que, pelos fins do séc. VI e começo do séc. V a. C., estabeleceu a ligação das terras marginais do vale do Danúbio, entre Augsburg e Linz, com o extremo ocidental da baía de Biscaia. Isto explicaria não só as conexões da cerâmica entre essas duas áreas, mas ainda o aparecimento em Ribadeo, na Galiza, de trabalhos em chapa de metal que fazem lembrar um período avançado do «estilo sítula», do Nordeste da Itália e da zona oriental alpina do séc. V a. C., bem como o aparecimento no Noroeste de Espanha da fíbula céltica do período de La Tène-A oriental, com a forma especial de «dupla cabeça de ave», para a qual Schüle chamou a atenção.

Como poderemos então interpretar a grande lacuna que parece ter existido precisamente entre as duas áreas a que nos temos referido e constituem o objecto deste nosso estudo, lacuna que, segundo parece, foi preenchida, nos séculos VI-V a. C., pelo grande império cultural, que se estendeu à maior parte da Gália e a muitos lugares das áreas célticas da Espanha e de Portugal, e cuja cerâmica foi descrita por Kimmig sob a designação de «Urnfield Renaissance»? Temos neste caso a contar, sem dúvida alguma, com dois grupos culturais distintos no primitivo mundo céltico; e seria para estranhar (muito embora evidentemente de modo algum impossível, tendo em consideração os grandes e repetidos movimentos demográficos, que certamente se prolongaram durante toda esta fase dinâmica da Pré-história do Ocidente europeu) que um grupo de Celtas vindos do lado oriental tivesse sido capaz de encontrar livre caminho, evidentemente por terra na maior extensão do trajecto, através de cerca de 1500 quilómetros de territórios, na maioria ocupados por diversos grupos populacionais, sem que aparentemente aí deixasse qualquer traço da

sua passagem. Pode muito bem ser, claro está, que essa falta de ligações intermédias seja devida a uma desigual distribuição de necrópoles e de locais povoados característicos deste período em França. Existem, de facto, razões para supor que estes elementos célticos orientais, a que nos estamos referindo, possam ter sido mais consideráveis em França do que nos hajam evidenciado os testemunhos chegados até nós através de diversas publicações. Como é bem conhecido, a própria cerâmica com ornamentação estampada, incluindo a de palmípedes, propagou-se à Bretanha (1), e embora alguma dela possa, como Dehn supõe, ter sido derivada do grupo do Reno Médio, numa data relativamente tardia, constitui um elemento, no qual se integra o clássico fragmento com «motivo» de palmípedes procedente de Kerviltré (2), que pode estar mais estreitamente relacionado com o grupo original de La Tène-A, e em conexão com o aludido movimento demográfico, tal como os bem conhecidos vasos de Lann-Tinikeii (Ploemeur) e Bignan, no Morbihan (3), decorados com numerosas *fossettes* rodeadas por círculos a ponteados ao modo da cerâmica da Baviera, do final de Hallstatt, de Las Cogotas e de Chamartin. É importante registar que, na Bretanha, muita ornamentação estampada, derivada do período oriental do Hallstatt-D — La Tène-A, aparece em vasos da forma típica da «Urnfield Renaissance» da Gália, inteiramente diferentes dos vasos contemporâneos do Sul da Alemanha, como se verifica especialmente nas necrópoles de Roz-an-tre-men e Kerviltré, no Finistère (4). Isto significa, sem dúvida, que a louça estampada da Armórica não foi importada quer da Germânia do Sul quer da Cultura castreja, antes revelando influência do grupo afim da Europa Central, exercida muito possivelmente no séc. V. a. C., através de algum centro intermediário, da Gália, talvez próximo da costa da Biscaia, até agora não identificado.

(1) Wheeler and Richardson, *loc. cit.*, 90-100, Figs. 26, 28-30.

(2) *Ib.*, Fig. 28, 5.

(3) J. Déchelette, *Manuel*, II, Fig. 66.5. 4-5.

(4) P. R. Giot, *Brittany* (Ancient Peoples and Places series, London, 1960), Figs. 55 e 62 e B. Le Pontois, *Le Finistère Préhistorique*, 281-90, Figs. 332-4 e 338-41.

Enquanto a exploração dos locais da Primeira Idade do Ferro, da zona ocidental da França, não for consideravelmente ampliada, é natural que não possamos ir além destas simples conjecturas.

É tempo de voltarmos à questão das relações entre a Cultura dos «castros» e o Sudoeste da Inglaterra. Como acabamos de ver, existem motivos para supor que as formas cerâmicas comuns às duas áreas, durante a Primeira Idade do Ferro, podem ter derivado da mesma origem, mas independentemente, em vez de terem sido transmitidas ao longo da Costa, de uma dessas áreas para a outra. Nesse caso, deveremos também agora considerar se a diversidade de aspectos dos elementos metálicos característicos da Primeira Idade do Ferro, patente nas duas referidas áreas, não poderá ser explicada de modo idêntico ao caso da cerâmica, a não ser que se admita a hipótese de se tratar de um simples hiato de ordem cronológica entre os seus períodos principais de colonização. Devemos notar que os agrupamentos culturais do Sudoeste da Inglaterra, que Hawkes incluiu na Idade do Ferro-B, não foram definidos em primeiro lugar pelos seus elementos metálicos, mas sim pela cerâmica e pelas características dos lugares de ocupação; e a divulgação dos tipos metálicos de La Tène à Inglaterra tem geralmente sido sempre considerada quase que independentemente da classificação *A*, *B* e *C* da Idade do Ferro, mas de harmonia com a hipótese de que a expansão dos trabalhos em metal mais artístico estava relacionada com os movimentos populacionais vindos da área da Cultura do Marne, dos começos de La Tène, do Nordeste da França, para a costa oriental da Inglaterra, movimentos de que teríamos um exemplo na deslocação dos *Parisii* para o East Riding do Yorkshire e a sua introdução ali do uso do carrinho funerário (1). Leeds, investigador que em primeiro lugar discutiu esse assunto, aludiu ao conhecido escudo, parte de outro e bainha de espada ornamentados, procedentes de River Witham, em Lincolnshire, e ao umbo de escudo do Tamiça, em Wandsworth, como

(1) E. T. Leeds, *Celtic Ornament* (Oxford, 1933), 12 e C. Fox, *Pattern and Purpose* (National Museum of Wales, Cardiff, 1958), 5, ss.

ponto de partida de uma expansão que se estendeu à Escócia, onde estaria representada pela notável cobertura, de bronze, ornamentada, da cabeça de um cavalo, procedente de Torrs, Kirkcudbrightshire. O professor Stuart Piggott desenvolveu mais recentemente este assunto (1), sugerindo que esse movimento tivesse atingido o interior da Irlanda em data mais tardia, provavelmente não anterior ao séc. I a. C., onde deu origem às notáveis bainhas de espada ornamentadas de Lisnacrogghera e de outros lugares. Por outro lado, o Professor Hawkes, na sua nova e recente definição da Idade do Ferro-A, B e C, fez distinção entre os espécimes da escola de Wandsworth-Witham, atribuídos à Idade do Ferro-B e um grupo de espadas e bainhas de punhal do tipo dos começos de La Tène, com ornamentação gravada, na maioria procedentes do Vale do Tamisa, e os notáveis fragmentos de uma taça de bronze para suspender, com gravados do tipo de La Tène-B, encontrada em Cerrig-y-Drudion, no Norte de Gales, por ele atribuída à Idade do Ferro-A (2). Mas o Professor M. Jope, em vários artigos (3), estudou posteriormente a evolução dos ornatos das bainhas de punhais inglesas de La Tène, demonstrando que deve ter havido mais do que uma influência de ornamentações no desenvolvimento do estilo insular, e que uma delas deve ter incidido em primeiro lugar em regiões do Ocidente da Inglaterra e da Irlanda do que do lado da costa oriental. Isto relaciona-se, sem dúvida alguma, com o assunto que de modo especial nos interessa no presente estudo, designadamente o exacto conteúdo dos grupos culturais a que nos referimos (4), tomando em consideração a importância de Tal-y-llyn. Em diversos estudos (5) descrevemos e discutimos pormenorizadamente este achado, não ha-

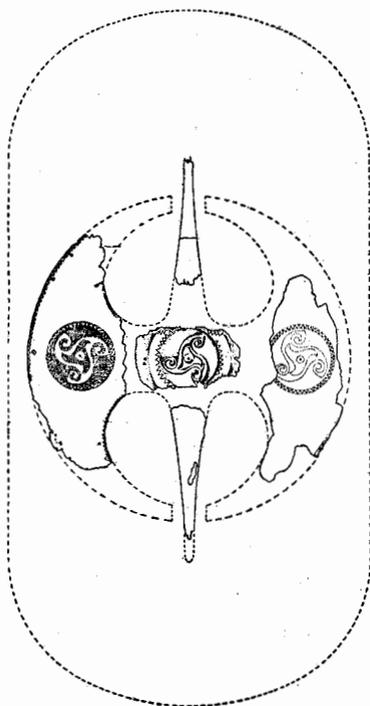
(1) *Archaeologia*, XCVI (1955), 227 ss.

(2) *Loc. cit.*, nota n.º 2, p. 119).

(3) *Ulster Journal of Archaeology*, 3 ss., XVII (1954), 81 ss.; Frere, *loc. cit.*, 69 ss.; *Proc. Presbit. Soc.*, XXVII (1961), 307 ss.

(4) Cf. p. 119.

(5) *Antiquaty*, 1964, 18 ss.; *Bulletin of the Board of Celtic Studies* (Cardiff), XX (1964), pp. 449 ss., e *Celticum* XII (Actes du IV Congrès International d'Études Gauloises, Celtiques et Protoceltiques, Sarrebruk, 1964), 163 ss.



0 2 4 6 8 10 12 14 CMS.

Fig. 1 — Reconstituição do escudo de La Tène, baseada nos fragmentos encontrados no tesouro de Tal-y-llyn.

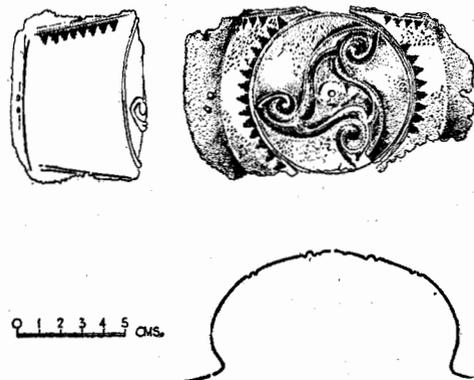


Fig. 2—O primeiro umbo de escudo do tesouro de Tal-y-llyn.

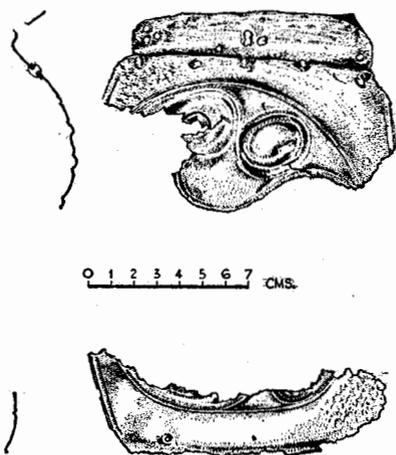


Fig. 3—O segundo umbo de escudo do tesouro de Tal-y-llyn.

vendo portanto necessidade de darmos aqui senão um simples resumo dele. A descoberta consta de umas chapas de metal, mais ou menos fragmentadas, encontradas casualmente, constituídas por várias ligas de cobre, mostrando algumas vestígios de estanhagem, e sendo decoradas no estilo característico de La Tène, pelos processos de gravura, ornato em relevo (*repoussé*) e em recorte, ou vasado (*ajouré*); sobressaíam em parte de um estrato de aluvião pouco espesso, numa cova sob uma grande pedra boleada, junto ao caminho de um monte íngreme, sobranceiro ao vale de Tal-y-llyn, entre Towyn e Dolgellau, em Merionethshire. É possível que esta jazida já tivesse sido profanada antes da sua recente descoberta e nenhum indício garantiu que aquelas placas tivessem necessariamente feito parte do espólio de algum enterramento, ou de estarem ligadas a qualquer outra finalidade, podendo ser que a sua proveniência tivesse relação com qualquer artífice ambulante de trabalhos em metal; contudo, razão alguma há para duvidar da sua autenticidade. Parte dessas lâminas metálicas pertenciam certamente à ornamentação de, pelo menos, dois escudos do tipo característico de meados de La Tène, visto terem aparecido dois umbos, frisos e placas em forma de *pelta* de diferentes escudos: no desenho da sua reconstrução (*Fig. 1*), todos os fragmentos, excepto um dos pertencentes aos umbos, foram reunidos num único escudo, mas devemos ter em atenção que os fragmentos de frisos são de latão, podendo portanto não terem sido primitivamente aplicados na mesma peça juntamente com o umbo e chapas de *pelta* referidos, que são de bronze. O primeiro umbo (*Fig. 2*) é de bronze: o segundo (*Fig. 3*) é de latão, e encontra-se demasiadamente fragmentado para permitir a sua reconstrução. Apareceram, além disso, duas curiosas placas de latão de forma trapezoidal, com vestígios de estanhagem (*Fig. 4*), e quatro grupos de discos, constituídos cada grupo por um disco inferior, bastante forte, de bronze estanhado, e sobreposto um outro mais pequeno, trabalhado em recorte de latão, também estanhado (*Est. II*), e contendo vários furos para cravos, a fim de ser fixado a uma superfície mais ampla, de couro ou de madeira, podendo ter servido inclusivamente de ornato de algum carro, ou de uma peça de mobiliário, em vez de fazer parte de um escudo.

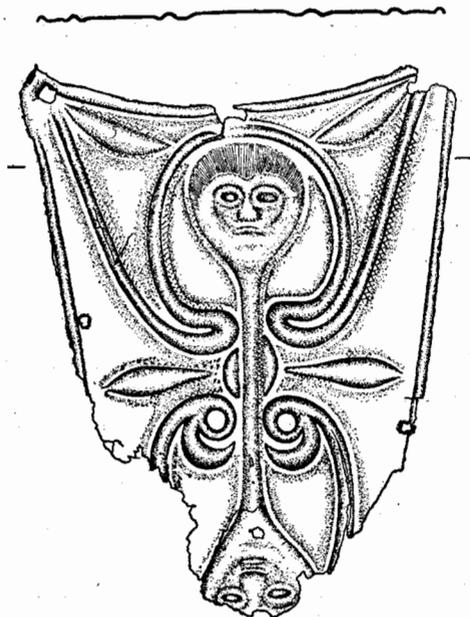
Apesar da sua diferente constituição metálica, e possível função diversa, todos estes fragmentos de placas de metal ornamentadas pertencentes ao tesouro de Tal-y-llyn mostram a mesma técnica e estilo. Todos revelam, mais ou menos, o uso de um traçador ou buril para gravar linhas tremidas, por vezes formando um entrelaçado semelhante ao encanastrado dos cestos, como se vê no chapeado das *peltas* (*Est. III*), outras vezes contornando as caneluras que constituem os desenhos a «repuxado», como mostram as placas trapezoidais, ou ainda por vezes completando os desenhos curvilíneos contornando o trabalho «em recorte» ou a «repuxado», tal como se vê nos discos feitos com essa técnica (*Fig. 5. 4*). Este é o indício mais seguro para a fixação da cronologia do tesouro de Tal-y-llyn, visto que o ornato gravado em linha tremida é, na Inglaterra, especialmente característico das bainhas de espada e de punhal dos começos de La Tène, estudadas por Jope e que ele considera representativas da fase mais antiga da arte insular de La Tène: podemos salientar especialmente o desenho em forma de encanastrado, também gravado em linha tremida, da bainha de espada de Standlake, perto de Oxford (*Fig. 5. 5*), associada a uma *pelta* trabalhada a «repuxado» e a uma fivela *ajourée* do tipo de La Tène-I. No Continente a ornamentação gravada a linha tremida é naturalmente característica em especial dos artífices do final de Hallstatt, que fabricavam placas de cinturão na região do Reno superior (1), lâminas de barbear e ganchos de cinturação na Borgonha e na Champagne (2), e desta última região são exemplos flagrantes do emprego dessa técnica, nos começos de La Tène, a bainha de espada de Vert-la-Gravelle e o elmo do carro funerário de La Gorge-Meillet (3) (*Fig. 5. 2*), existindo uma sobrevivência do mesmo período de La Tène, mas de data muito posterior (4). Também na Inglaterra há algumas sobrevivências posteriores,

(1) F. Maier, *Ber. Röm. Germ. Kommission*, 39 (1958), 131 ss.

(2) F. Henry, *Tumulus du Dép. de la Côte d'Or*, *Fig. 16.1*, 17.4, 6,8; Déchelette, *Manuel*, II, *Figs. 359.2*; *Matériaux pour l'Histoire primitive de l'Homme*, 1879, 103 ss., *Est. IV.8*.

(3) P. Jacobsthal, *Early Celtic Art*, n.ºs 90 e 135.

(4) P. Vouga, *La Tène*, *Est. II.2*.



0 1 2 3 CMS.

Fig. 4—A melhor conservada das duas placas de forma trapezoidal aparecidas no tesouro de Tal-y-llyn.

mas a frequência do gravado em linha tremida em Tal-y-llyn sugere uma data anterior, e é de notar que somente dois dos objectos de chapa de bronze do grande tesouro de Llyn Cerrig Bach, igualmente do Norte de Gales, são decorados desse modo (1). Quando analisamos estes «motivos» ornamentais, torna-se flagrante que nos encontramos perante uma fase primitiva da tradição insular de La Tène, de certo modo ligada à origem continental da cultura de La Tène-B. O trísceles esculpido num dos umbos de escudo de Tal-y-llyn, típico das *peltas*, sobre um fundo contendo gravados em forma de encastrado, relaciona-se com um «motivo» de La Tène-B, vulgar no Continente, no qual três braços curvos envolvem uma área subtriangular; este trísceles difere do insular, mais vulgar, no qual três braços irradiam de um ponto não perfeitamente centralizado, como se vê na famosa placa em forma de crescente de Llyn Cerrig Bach (2). Mas os braços do trísceles de Tal-y-llyn terminam em três ângulos, com as espirais ponteagudas do tipo «trombeta» tipicamente insular, e não com espirais simples, ou com o umbo, que se encontra no Continente, parecendo assim representar o começo da tradição insular, a não ser que se possa considerar como início da forma de «trombeta» o desenho no arco de uma fibula de La Tène-Ib, de Schlosshalden, em Berne (Fig. 6. 1). Mas o trísceles de Tal-y-llyn tem um paralelo muito aproximado no fragmento de um torques de ouro, há muito tempo encontrado em Clevedon, Somerset, que ostenta na face plana de um dos remates da extremidade do aro um trísceles do tipo Tal-y-llyn (Fig. 6. 4) — repare-se no pormenor do desenho em forma de encastrado —, e lateralmente um desenho de palmeta do tipo Waldalgesheim (La Tène-B), muito semelhante ao de um anel do período de La Tène-B, procedente de Deisswil, Berne (Fig. 6. 2) (3). Com o torques de Clevedon devem estar relacionados os fragmentos de Cerrigydrudion, Denbighshire (Est. IV), que contém uma espé-

(1) C. Fox, *Find of the Early Iron Age from Llyn Cerrig Bach, Anglesey*, Fig. 13.

(2) *Celticum* XII, *loc. cit.*, Fig. 26.

(3) O. Tschumi, *Urgeschichte des Kantons Bern*, Fig. 214.2.

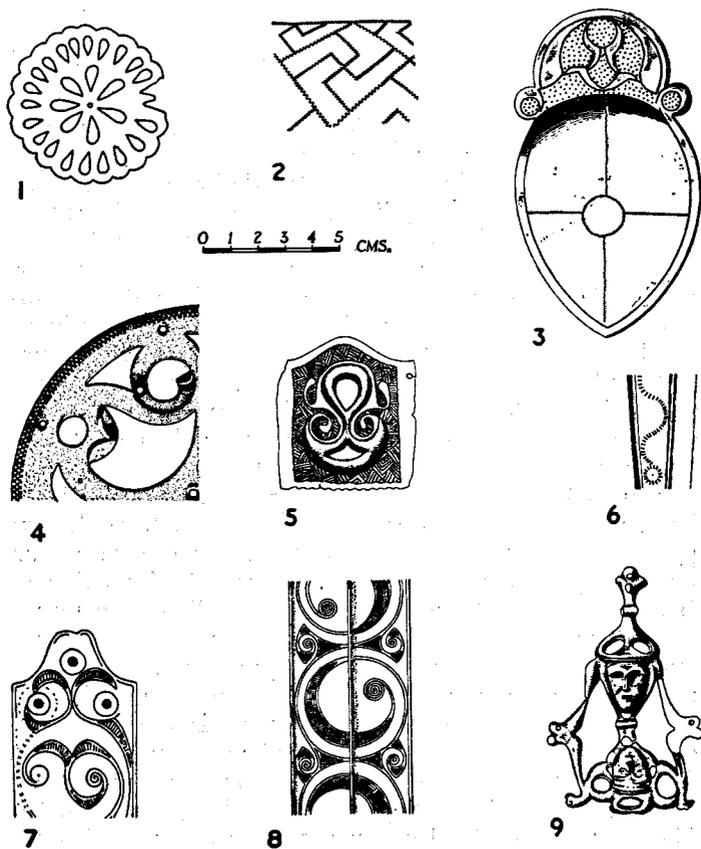


Fig. 5

- 1) — Disco com ornatos recortados (*ajourés*), procedente de Vix, Borgonha. (Segundo Joffroy, *Sépultures à char du Premier Age du Fer en France*, fig. 27-8).
- 2) — Pormenor de «motivo» decorativo, feito a linha tremida, do capacete de La Gorge-Meillet. (Segundo Jacobsthal, *Early Celtic Art*, Est. 76).
- 3) — Colher céltica, da Irlanda.
- 4) — Pormenor do disco com ornatos recortados, procedente de Tal-y-llyn.
- 5) — Pormenor de bainha de punhal, de Standlake, Oxon. (Segundo Frere, *Problems*, Est. V-a).
- 6) — Pormenor de bainha de punhal, de Minster Ditch, Oxford. (Segundo Frere, *Problems*, Fig., 24).
- 7) — Pormenor de bainha de punhal, de Toome, Antrim. (Segundo o *Ulster Journal of Archaeology*, 1954, p. 82).
- 8) — Pormenor da terceira bainha de punhal, de Lisnacrogheara, Antrim (Segundo Leeds, *Celtic Ornament*, Fig. 5).
- 9) — Ornato de bronze, procedente de Maloméřice, Moravia. (Segundo Filip, *Keltové*, Fig. 14).

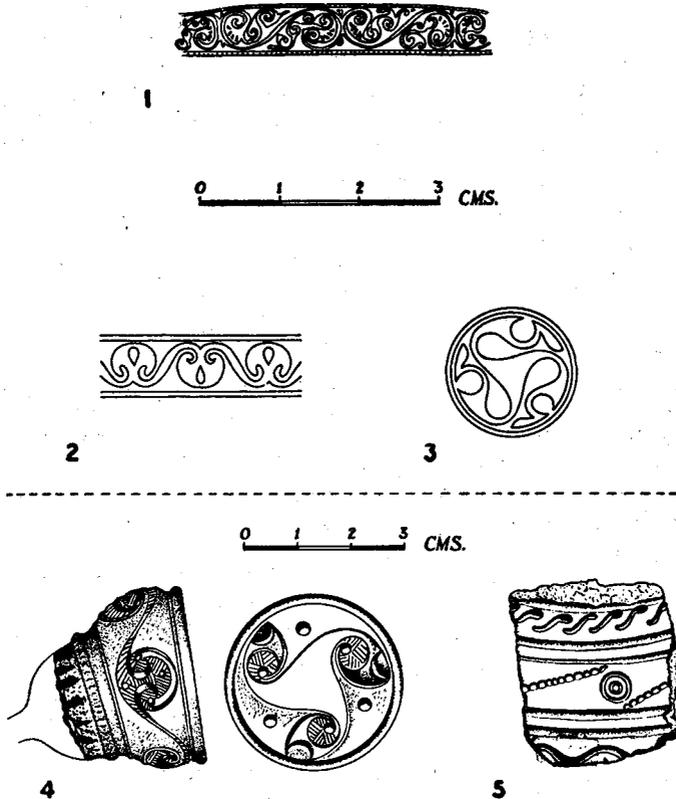


Fig. 6

- 1) — Pormenor do arco de uma fíbula, de La Tène-I, b, procedente de Schlosshalden, Berne. (Segundo Jacobsthal, *Early Celtic Art*, N.º 331).
- 2) — Pormenor de um anel de Deisswil, Berne. (Segundo Tschumi, *Urgeschichte des Kantons Bern*, Fig. 214.2).
- 3) — Pormenor de um gancho de cinturão, de Kösd, Hungria. (Segundo Jacobsthal, Est. 27, N.º 293).
- 4) — Um dos remates da extremidade do aro de um torques de ouro, procedente de Clevedon, Somerset. (Segundo o British Museum, *Guide to Early Iron Age Antiquities*, 1925, Fig. 175).
- 5) — Fragmento cerâmico com decoração estampada, procedente de Merthyr Mawr, Glamorgan.

cie de palmeta semelhante sobre um fundo com desenho a encanastrado gravado, começando já a revelar-se aqui o indício de uma possível escola britânica ocidental do trabalho do metal, integrada na tradição de La Tène-B, independentemente introduzida do Continente em data anterior ao final do séc. III a. C.

Contudo, em relação aos restantes fragmentos do tesouro de Tal-y-llyn, o problema torna-se complicado. As estranhas placas trapezoidais (*Fig. 4*), com suas máscaras humanas em posição oposta, ligadas por um pescoço comum e contornadas por um ornato em forma de palmeta, semelhante à de Waldalgesheim, costumam ser consideradas como uma importação do Continente, hipótese aliás contrariada pela sua associação e identidade de técnica com as outras peças do tesouro. Não existe na Inglaterra um verdadeiro paralelo, mas apenas máscaras semelhantes, com uma aplicação floral típica das sepulturas de chefes, das fases de La Tène-A e B, do Sul da Alemanha e da Boémia; e o dispositivo de um pescoço comum tem um paralelo, no final de La Tène médio, em Maloméřice, na Morávia (*Fig. 5. 9*). Por outro lado, a perfeita carapeta em forma de trísceles dos discos trabalhados em vasado (*ajouré*) de Tal-y-llyn tem um certo número de paralelos nas Ilhas Britânicas, entre os quais a notável placa em «repuxado» e estanhada, encontrada junto de um escudo contendo chapas em forma de *pelta*, como o de Tal-y-llyn (*Fig. 1*), no *bill-fort* de Moel Hiraddug, do Nordeste de Gales (*Est. V*). Não são também desconhecidos paralelos continentais deste tipo, podendo citar-se especialmente o disco (*Fig. 6. 3*) num gancho de cinturão do período de La Tène médio, de Kösd, Hungria.

Começa a evidenciar-se a existência de um aglomerado relativamente denso de achados de trabalhos em metal do período insular de La Tène no Norte de Gales, a maior parte dos quais são de data não somente comparável em antiguidade mas inclusivamente ligados ao estilo de Tal-y-llyn-Moel Hiraddug-Cerrigydrudion e Llyn Cerrig Bach. Há muitas áreas extensas da Inglaterra onde não tem aparecido um tal conjunto de achados importantes, facto que carece de explicação mais satisfatória do que a dada por Fox, ao afirmar que o Norte de Gales, sendo uma região montanhosa, longínqua, pobre e atra-

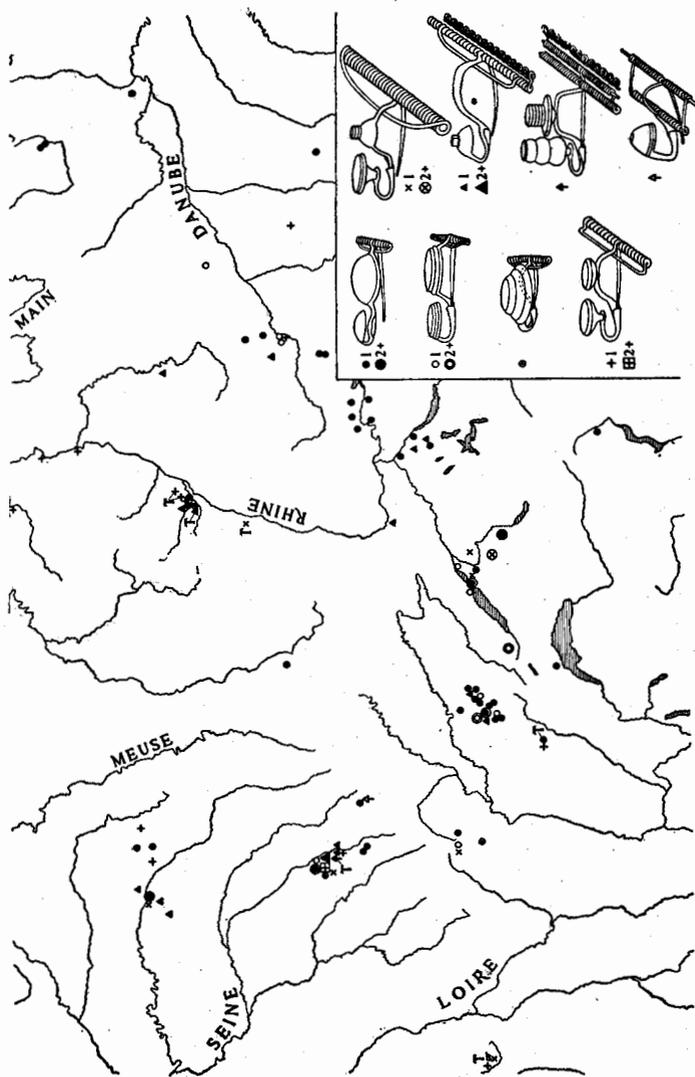


Fig. 7 — Tipos ocidentais de fibulas do período de Hallstatt-D3 e localização dos achados.

(A letra T do mapa indica fibulas estanhadas).

sada, nela se acumularam riquezas da arte de La Tène porque os chefes salteadores extorquiriam direitos de portagem ao tráfego entre o oriente da Inglaterra e a Irlanda! Ora a verdade é que existe actualmente uma melhor explicação para este facto, através da qual se tornou também evidente, há recentes anos, que os depósitos de minério do Norte de Gales — cobre, zinco, chumbo e ouro — foram não só bem conhecidos dos Romanos, mas já explorados (pelo menos no caso do cobre) na Idade do Bronze (1). Não é, portanto, destituído de razão supor-se que os jazigos de cobre de Anglesey, Caernarvonshire, Merioneth e Cardiganshire foram, até certo ponto, explorados pelos ocupantes destas regiões na Primeira Idade do Ferro, e a presença de minério de zinco na mesma área pode explicar a primitiva manufactura do latão pelos metalúrgicos ali estabelecidos. Há evidentemente problemas técnicos, ligados à dificuldade de trabalhar alguns dos minérios pelos métodos primitivos, como também os problemas respeitantes aos processos pelos quais, especialmente o latão, poderiam ter sido produzidos na Antiguidade, cujas soluções carecem de ser examinadas por especialistas competentes. O conhecimento da prática presumível da estanhagem pelos nossos metalúrgicos do Norte de Gales, em data que remonta ao séc. III a. C., envolve igualmente dificuldades, visto ter-se geralmente como aceite que essa técnica somente se teria desenvolvido na Inglaterra, pelos artífices indígenas, nos tempos já próximos da conquista romana. O estanho usado devia ter vindo da Cornualha, da Bretanha ou da Galiza, e a escolha de qualquer uma destas possibilidades de procedência leva-nos ao problema geral da origem da escola ocidental britânica (Idade do Ferro-B) da arte de La Tène do trabalho dos metais.

O nosso presumível grupo de artífices do metal, do Norte de Gales, na época de La Tène, deve naturalmente ser considerado como um dos vários que em diversos períodos, desde o séc. IV ao III a. C., se estabeleceram nas zonas que flanqueiam o Canal da Irlanda. A esses grupos, que se fixaram no Sudoeste da Inglaterra, poder-

(1) *Bulletin of the Board of Celtic Studies*, XXI (1965), 188 ss.

-se-á muito bem atribuir o fabrico da espada primitiva e das bainhas de punhal encontradas no vale do Tamisa, estudadas por Joep, assim como o torques de ouro de Clevedon, a que atrás nos referimos; e com os mesmos grupos podem também estar relacionados os achdos vulgares de La Tène Ib-c, das fíbulas e braceletes da necrópole de Mount Batten, Plymouth (1), do *hill-fort* de Croft Ambrey, próximo de Leominster, em Herefordshire, e de outros achados. Por sua vez, na Irlanda, apesar de existirem evidentes testemunhos de colonização procedendo directamente do Continente, em presença de certos pilares de pedra, tais como o de Rath de Feerwore, Turou (Galway) (2), com desenhos gravados de tradição de Waldalgesheim, visto haver pilares idênticos na Bretanha e na região do Reno, desconhecidos na Inglaterra, as fíbulas dos começos de La Tène apresentam as mesmas formas de La Tène II, sendo provável que a arte de La Tène começasse ali relativamente tarde: de facto, os desenhos formando volutas do chamado tipo «trombeta», que se vêem associados ao «motivo» do encanastrado (em geral de linhas rectas, posto que o traçado a linha tremida não fosse desconhecido) nas características bainhas de espadas curtas da Irlanda do Norte (*Fig. 5. 7-8*), podem ter sido derivados da escola do Norte de Gales após o final do séc. III a. C. Contudo, estes grupos, ou representam movimentos consideráveis de povos, ou simplesmente de pequenos núcleos de guerreiros acompanhados de alguns artífices, numa expansão directa, por via marítima, da cultura, já completamente desenvolvida, do período de La Tène da Europa Ocidental, para a área do Canal da Irlanda, aparentemente sem qualquer interferência da Cultura castreja post-hallstática do Noroeste da Ibéria, não sendo portanto de admitir uma Idade do Ferro-B baseada em contactos com esta última região. Pelo contrário, parece que, de futuro, se deve caracterizar a Idade do Ferro-B principalmente pelo trabalho do metal do período de La Tène, desde que, conforme o Professor Grimes demons-

(1) C. Fox, *Pattern and Purpose*, Est. 31.

(2) J. Raftery, *Prehistorique Ireland*, Fig. 265.

trou (1), grande parte da cerâmica ornamentada do Sul de Inglaterra atribuída à Idade do Ferro-B foi buscar os seus padrões decorativos aos trabalhos locais em metal de um modo mais acentuado do que à cerâmica continental, sendo provável que muitos dos objectos metálicos com «motivos» decorativos, encontrados nos condados orientais da Inglaterra constituam mais uma prova da sua importação dos principais centros de cultura da Idade do Ferro-B da região ocidental.

Torna-se portanto necessário voltar a considerar o Continente, a fim de verificarmos se será possível localizar, com maior precisão, os centros tradicionais dos trabalhos em metal que se destacam no tesouro de Tal-y-llyn. Como vimos, muitos dos padrões ornamentais do mencionado tesouro tiveram uma larga expansão na Europa céltica, mas, de facto, é difícil atribuir a uma determinada população bem localizada, representada por um conjunto especial de necrópoles ou de quaisquer jazidas apresentando as mesmas particularidades técnicas que encontramos em Tal-y-llyn. Contudo, como notamos, parece haver conexões particulares com o estilo de Waldalgesheim, em evolução no planalto suíço, durante o séc. IV a. C., e existem características, como as caneluras duplas que cercam os desenhos nos dois umbos de escudos, que parecem relacionadas com o mais recente «estilo de espada» de Jacobsthal (2), sendo difícil encontrar, nos centros danubianos do Reno Superior, do período de La Tène médio, quaisquer traços das técnicas que vemos em Tal-y-llyn, como sejam o gravado a linha tremida, o desenho do encanastrado ou a estanhagem. O uso da linha tremida, ao mesmo tempo que os «motivos» geométricos, incluindo o encanastrado, constituem uma característica arcaica, como provou o Dr. Joffroy no seu recente estudo sobre os belos torques tubulares com decoração gravada (3). Dos exemplares que o Dr. Joffroy examinou, a grande maioria era procedente das ricas necrópoles da Champagne. Poucos se apresen-

(1) *Proc. Prehist. Soc.*, 1952, 160 ss.

(2) *Loc. cit.*, 95 ss.

(3) *Celticum* XII, 11.

tavam associados a outros objectos e embora um deles proceda de um túmulo de Salem (Baden), do final de Hallstatt, o Dr. Joffroy é de opinião que a maioria pertence já aos começos de La Tène I (1). É importante notar quanto estão ligados a Tal-y-llyn os desenhos do tipo encanastrado de alguns destes torques (2), devendo também observar-se que o gravado a linha tremida parece não ter sido usado nesses desenhos, embora certamente o fosse em alguns objectos deste período dos espólios das necrópoles marnianas. Por outro lado deve atender-se a que estes torques são na verdade extremamente raros na Champagne, em comparação com os torques e braceletes de aro torcido que os artífices marnianos do metal herdaram dos agrupamentos hallstáticos das Ardenas e da área de Hunsrück—Eifel. Estes torques tubulares com gravuras podem, de facto, ter sido importados de oficinas situadas em áreas mais a sul, onde a fase mais antiga de La Tène é muito pouco vulgar nas necrópoles. Seja como for, torna-se muito importante notar que a prática da estanhagem estava bem arraigada nas áreas ocidentais da cultura do final de Hallstatt, na Alsácia, Franche Comté, Borgonha e Berry, onde o uso do gravado a linha tremida era muito comum nessa mesma época. Isto mesmo foi evidenciado por um estudo das fíbulas do tipo de arco de «besta» e de «tamboril» (*kettle drum*), ornamentação que, sobreposta no arco, era muitas vezes estanhada (Fig. 7). Os principais centros onde aparece a estanha-

(1) De facto, parece ser um tipo de transição do Hallstatt-D3 — La Tène-Ia (séc. 500-350 a. C.), como sugerem os conjuntos de Arlay (Jura) (J. P. Millotte, *Le Jura et les Plaines de Saône aux âges des métaux*, 1963, Est. LXIII, 2, 8), de Bouzy (Champagne) (vistos por nós no Museu de Reims em 1935), da sepultura n.º 4 de Thuisy (Champagne), e da sepultura 17 de Ciry-Salsogne (Aisne). Os dois primeiros achados parecem ser do final de Hallstatt, enquanto que os dois últimos, vistos por nós no Museu de Saint-Germain em 1935, parecem do início de La Tène I.

(2) *Loc. cit.*, Est. 3.3, 4.4, 5.4.

gem, cerca do final do séc. VI a. C., eram no Norte da Alsácia (floresta de Haguenau) Vix, e próximo de Dun-sur-Auron, em Berry (1). J. Carcopino sustentou (2) que Mont Lassois, local fortificado do final de Hallstatt, próximo de Vix-sur-Châtillon, era um centro de estanhagem anterior a um outro semelhante, de Alésia, citado por Plínio (3), autor que alude igualmente à actividade dos *Bituriges* nesta técnica. É estranho que apenas de relativamente poucos exemplares de estanhagem do final de Hallstatt haja notícia, pois me garantiu pessoalmente o Dr. Joffroy que não existem quaisquer exemplares no Museu de Antiguidades Nacionais de Saint-Germain-en-Laye. Devemos porém notar que a estanhagem é bastante sujeita a desaparecer dos artigos que tenham tido muito uso, de modo que esses objectos, quando, muitos séculos decorridos, são exumados do terreno em estado de corrosão, não podem, evidentemente, apresentar grandes vestígios de terem sido estanhados. Por outro lado, a limpeza subsequente, na qual porventura sejam usados processos mais adequados à limpeza do bronze do que à do estanho, contribuirá também para fazer desaparecer os últimos indícios da estanhagem. É portanto de supor que muitos dos objectos de bronze que se encontram nos museus, tenham sido primitivamente estanhados e não mostrem actualmente quaisquer sinais disso.

Vimos que as técnicas do gravado a linha tremida, da estanhagem e possivelmente do gravado do tipo encastrado eram praticadas nas regiões do centro e oriente da França, no séc. VI a. C., mas resta-nos ainda descobrir a ligação que possa ter existido entre essas oficinas e aquelas onde os nossos artífices imigrantes de Tal-y-llyn foram beber a inspiração. Podemos conjecturar que isso virá a ser localizado em qualquer ponto da extensa região

(1) Vide Schaeffer, *Les Tertres Funéraires de la Forêt d'Haguenau*, II, 45, Fig. 37 1, 56, Fig. 50 a, 101, Fig. 90 b, 305, n. 2; *Anzeiger für classische Altertumskunde* I (1912), 100 ss.; Joffroy, *L'Oppidum de Vix et la Civilisation Hallstattienne Finale dans l'Est de la France*, 77 e 84.

(2) *A Pedro Bosch-Gimpera*, México, 1963, 85 ss.

(3) *Naturalis Historia*, IV, 104, XXXIV, 167.

da bacia do Loire, a ocidente dos conhecidos centros da Borgonha e do oriente da França, região que certamente não estaria por habitar nos séculos VI, V e IV a. C., mas que ainda actualmente se encontra com poucos lugares devidamente explorados e onde poucas descobertas desse período têm sido registadas. Tais centros podem ter mantido técnicas arcaicas como a estanhagem, o gravado do encanastrado e a linha tremida durante o primeiro período de La Tène, quando tais técnicas ainda não estavam em uso mais a oriente, e num tempo em que os fornecimentos do minério de estanho da Cornualha, da Bretanha ou da Galiza possivelmente lhes seriam mais acessíveis do que aos centros das regiões mais para oriente. O colar de ouro maciço de Massigny, Vandeia, com seu gravado de encanastrado (em linhas rectilíneas e não em tremido) pode constituir uma prova da existência de um dos supostos centros do período de Hallstatt (1), e esse tipo de gravado pode ter sido inspirado localmente naquele que apresentam os braceletes do final da Idade do Bronze, como por exemplo os do tesouro de St. Genouph, (Tours) (2), ou também, sem dúvida, como os que se vêem nos braceletes tubulares de bronze estudados pelo Dr. Joffroy, podendo admitir-se que, mais cedo ou mais tarde, os «motivos» ornamentais do encanastrado fossem executados a linha tremida, tais como os de Tal-y-llyn. Mas as fases pelas quais os artífices desta área possam ter passado, com respeito ao emprego do estilo ornamental dos começos de La Tène, permanecem obscuras por falta de achados, e apenas podemos sugerir que o seu emprego se tenha iniciado partindo das decorações nesse estilo esculpidas principalmente em pilares de pedra ou gravadas em cerâmica incisa com representação na Bretanha. É contudo importante ter em atenção que as fases da arte de La Tène patente nesses elementos correspondem aos períodos de La Tène-B e C (3), um pouco posteriores à fase mais

(1) *L'Anthropologie*, 1903, 172 ss.

(2) *Gallia Préhistoire*, III (1960), 125, Fig. II.15, 17.

(3) Podem citar-se os pilares de pedra esculpidos de Kermaria e Tréguennec, Finistère e Trégastel, Côtes-du-Nord (*Annales de Bretagne*, LIX (1952), 215, Est. 1, e Le Pontois, *Le Finistère Préhistorique*, Figs. 297-8) e os vasos de Plouhinec e St. Pol-de-Leon, Finistère (Le Pontois, *loc. cit.*, Fig. 373).

antiga dessa arte, e que revelam um grau de cultura mais recente na Bretanha do que o da cerâmica da «Urnfield Renaissance» da mesma região e dos padrões associados do tipo canelado e de SSS em série.

Parece então que devemos admitir a existência de uma fase primitiva Hallstatt-D — La Tène-A na Bretanha, com cerâmica relacionada com a do Sudoeste da França desse mesmo período, mas com elementos decorativos derivados da cerâmica de transição do Hallstatt-D — La Tène-A da Baviera oriental e da Boémia, por intermédio de algum centro ainda não identificado, da região central ou oriental da França, seguida provavelmente, durante o séc. III a. C., de uma fase na qual os «motivos» artísticos de La Tène derivados da cultura de Waldalgesheim — Münsigen, da bacia do Alto Reno, se tornaram correntes. Isto é, uma evolução semelhante à que se deu na Aquitânia e a norte, bem como nas zonas célticas da Península Ibérica, onde a fase principal da imigração contribuiu para a expansão das formas do final de Hallstatt e de La Tène-A, influindo por fim, mais na cerâmica do que nos trabalhos em metal, mas onde aparece uma fase secundária, também provavelmente pertencente ao séc. III a. C., na qual as formas cerâmicas do período médio de La Tène se espalharam por algumas zonas dessa área, como se pode verificar, por exemplo, nas necrópoles de La Osera e de Las Cogotas, onde as influências de La Tène são evidentes nos trabalhos em metal (1). Contudo, nesta região, apesar de se encontrarem por vezes nas necrópoles fíbulas de La Tène I (geralmente de ferro), a tradição do trabalho em metal ornamentado do período post-hallstático estabelecida na Aquitânia e na Península Ibérica, a partir do séc. VI a. C., estava fortemente enraizada para que pudesse ser substituída pela de La Tène. Mesmo na Bretanha se verifica que, durante a primeira das duas fases com a qual relacionamos as fíbulas, quase sempre de ferro, estas aparecem nas necrópoles de urnas, em Roz-an-tre-men, Kerancoat e St. Martin-des-Champs, algumas delas de

(1) Como se pode ver, por exemplo, em Elviña: *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 1954-55, Est. XCIII-IV e Chã de Lamas: *Mem. LXIII de la Soc. Española de Antropología*, 1927, 263 ss.

tradição post-hallstática, aquitânica e ibérica, enquanto outras ostentam as formas dos começos de La Tène (1). Uma justaposição idêntica se encontra em Las Cogotas, na fase à qual pertence a cerâmica decorada com afinidades na cultura castreja (2).

É possível que as duas fases da área biscainha da Europa a que nos referimos se possam também aplicar, dentro de certos limites, às áreas do Sudoeste das Ilhas Britânicas. De facto, a Idade do Ferro-A destas regiões pode ser encarada como aquela em que os elementos locais datados do final de Hallstatt e começos de La Tène se combinaram com certas formas exóticas, de origem continental, do início de La Tène, conforme revelam o fragmento cerâmico com decoração estampada e as duas fíbulas de La Tène-Ia, de Merthyr Mawr Warren, Porthcawl, às quais nos referimos, bem como os contactos eventuais com as culturas post-hallstáticas da área da Biscaia; enquanto que a Idade do Ferro-B representa uma influência cultural recente, talvez devida a pequenos grupos de guerreiros acompanhados de artífices introdutores de um estilo provincial de trabalhos metálicos e da ornamentação de La Tène-B, possivelmente vindos de algum centro situado, durante o séc. III a. C., na bacia do Baixo ou Médio Loire, conforme propusemos. Certamente este movimento, mais tardio, não poderia ter surgido muito do sul do Loire, porque, até agora, poucos indícios têm aparecido de, na Aquitânia, porventura se ter desenvolvido durante os começos de La Tène, ou mesmo já em meados desse período, uma escola de trabalhos em metal que alterasse a sua tradição nitidamente hallstática, e por maioria de razão o mesmo se pode dizer da região de além Pirenéus. O pilar de pedra esculpido de Rath of Feerwore, ao qual já aludimos, sugere ligações especiais entre a Irlanda ocidental e a Bretanha, durante esta fase mais recente, mas a gravura desta pedra está, de facto, mais ligada ao estilo de Waldalgesheim do que ao de qualquer das

(1) *Annales de Bretagne*, LXV (1958), 15 ss.

(2) *Mem. 120 de la Junta Superior de Excavaciones*, sepultura 361 (Est. LXXII).

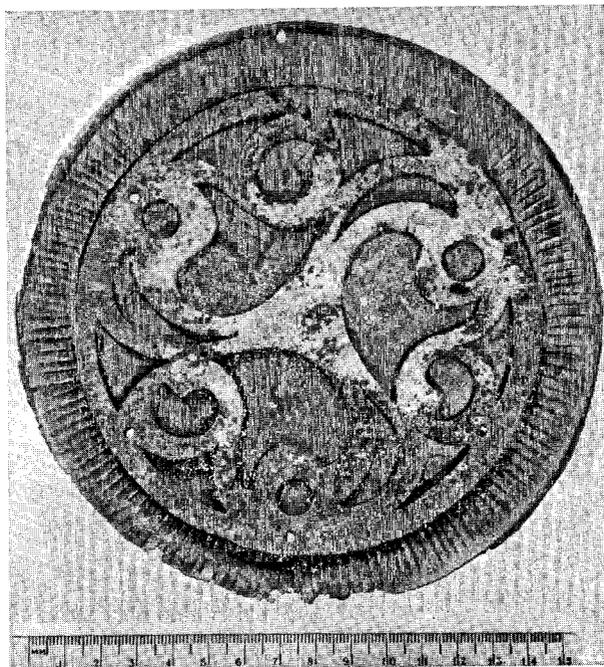
pedras bretãs, e somos assim, mais uma vez, inclinados para um suposto centro que porventura tenha existido na bacia do Loire. Mas enquanto o período de La Tène desta parte da França não for melhor conhecido, não parece provável que se possam fazer muito maiores progressos acerca do conhecimento das origens das culturas britânicas das regiões ocidental e do Sudoeste, da fase B desse período.

Est. I

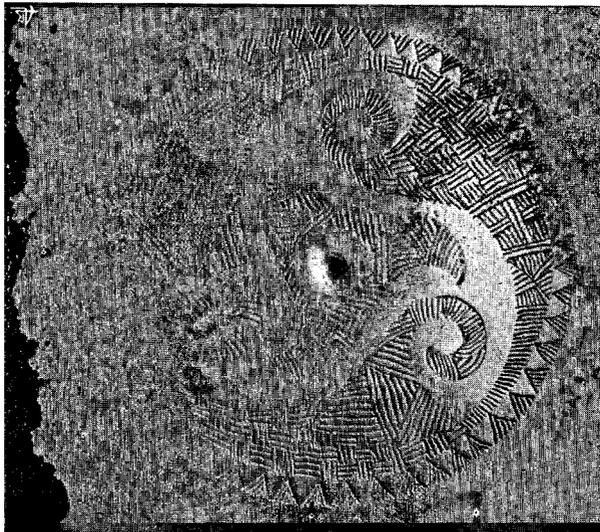


Vaso de tradição do período «Western Third-B» procedente do recinto fortificado (hill-fort) de Pen Dinas, Aberystwyth, Cardiganshire.

Est. II

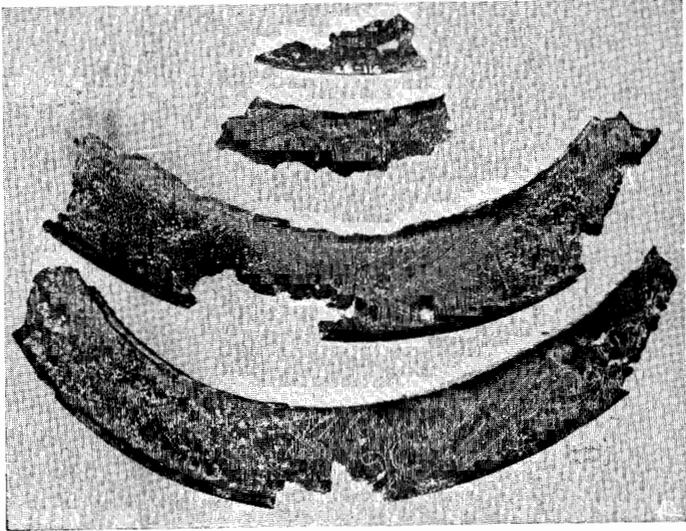


O melhor conservado dos quatro discos duplos procedentes do tesouro de Tal-y-llyn, Merionethshire, Norte de Gales.



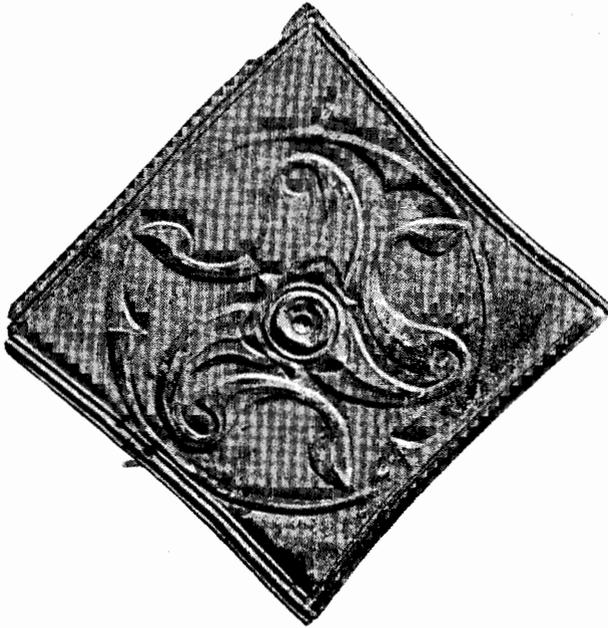
*Pormenor de um disco gravado numa das placas em forma de «pelta»
do tesouro de Tal-y-llyn, Merionethshire, Norte de Gales.*

Est. IV



Fragmentos de bronze de uma taça de suspensão encontrada numa sepultura em Cerrigydrudion, Denbighshire, Norte de Gales.

EST. V



Disco de bronze com ornato em relevo («repoussé»), procedente do hill-fort de Moel Hiraddug, Flintshire, Norte de Gales.